

se de fotografias, a notícia adquire dependendo da foto ali exposta um caráter duas vezes mais chocante. Tal elemento, é utilizado com o objetivo de chamar a atenção do leitor, e voltando a perspectiva do jornal como produto, obter maior venda e posteriormente maior lucratividade, dentro dos jornais sensacionalistas a imagem é tida como atrativo de primeira necessidade.

Um ponto a ser ressaltado aqui é a utilização de fotografias puramente sensacionalistas para atrair a atenção do leitor. Imagens de acidentes de trânsito, por exemplo, quando publicadas em tamanho grande e com elementos como sangue, pessoas feridas ou mortas, servem para evidenciar as proporções do caso muitas vezes de forma exagerada. Esse tipo de publicação salta aos olhos do leitor, o que contribui para um aumento na venda do jornal, isso é fato. Elementos são utilizados com a finalidade de chamar e estimular a curiosidade e o lado emocional das pessoas que estão observando aquela imagem. (SILVA,ECKERT & MARANGONI, 2006, p.7)

A imagem na verdade assume o papel de elemento de impacto, sem esse impacto não há atração do leitor pelo jornal e sem essa atração o jornal não vende. Outro elemento utilizado de forma muito corriqueira é a ilustração (figura 13), principalmente dentro de matérias que envolvem crimes, violência e morte (produtos mais procurados nas “prateleiras” do sensacionalismo), os jornais se utilizam desses recursos para aproximar o leitor da cena do crime, instigando o imaginário do receptor e assim induzindo-o a tirar suas conclusões a respeito do caso.



Figura 13¹³

¹³ FONTE: karinanishioka.blogspot.com

Podemos concluir, que a imagem é tão indispensável quanto o texto verbal em uma matéria de cunho sensacionalista, causando talvez até mais impacto à primeira vista. Afinal, como já dizia um sábio e antigo provérbio chinês “Uma imagem contém mais de mil palavras”

5.3 As Cores

Farina (2006), trata as cores como “uma realidade sensorial à qual não podemos fugir”. Nossa vida está repleta de cores, no Ocidente mesmo antes da mãe ter o filho em seus braços ela procura saber qual será o seu sexo e para essa criança constrói, um universo correspondente ao seu gênero, os meninos são recepcionados por roupinhas e um quarto todo azul, já as meninas recebem tudo cor de rosa.

Mesmo na idade adulta, vemos nossa vida ser determinada por cores, para exemplificar basta usar o código de trânsito, as ruas estão repletas de placas que geralmente usam o vermelho como uma cor que desperta atenção, ou mesmo o semáforo, onde o vermelho remete para o perigo, o amarelo pede a atenção do motorista e o verde mostra que ele está seguro para seguir em frente.

Há mais ou menos duzentos anos que a humanidade usa a cor com a intensidade que fazemos hoje. Farina (2006) lembra que a cor sempre fez parte da vida do homem, sempre houve o azul do céu, o verde das árvores, o vermelho do pôr do sol.

Dentro do jornalismo, a cor também ocupa um espaço importante no universo da linguagem não-verbal, ela é segundo Guimarães (2003), um dos mediadores sógnicos de recepção mais instantânea na comunicação jornalística

A organização das informações por meio das cores pode atribuir valores e significados para aquele grupo de informação. Basta que observemos, a elaboração dos gráficos nos jornais e revistas, quando há uma divisão paradigmática entre um universo masculino e um universo feminino reforçada pelo uso das cores azul e vermelho, que são além de uma oposição binária de caráter taxionômico, aplicações simbólicas e, portanto, de natureza cultural (GUIMARÃES,2003).

Nos sobrevém, no entanto a questão a cerca do porque as cores informam. Guimarães(2003) explica bem essa questão.

“É preciso esclarecer que a “primeira leitura” que se faz de uma capa de jornal é comunicação não-verbal, ou mesmo pré-verbal. No todo do padrão visual, as cores se antecipam às formas e aos textos. Quanto maior o potencial de informação das cores (força semântica e clareza na identificação dos matizes), maior será a antecipação da informação cromática em relação aos elementos figurativos e discursivos do padrão” (GUIMARÃES, 2003, p. 37)

Nessa perspectiva, ao observarmos a capa de uma revista ou jornal, que por causa das limitações de nossa visão, à distância não pode ser totalmente compreendida, ela se fará compreender através das cores que passarão as informações ali contidas.

A mídia aproveita a relação que determinada cor tem com o fato para explorar seu significado dentro da matéria por ela elaborada, isso é muito comum nas noticias sobre a seleção brasileira que por si só já se mostra como sendo verde e amarela, a figura 14, retrata bem isso, apesar de não se tratar de uma revista brasileira, as cores de nossa bandeira amplamente utilizadas em sua capa antecedem perfeitamente até mesmo ao leitor que não compreende sua língua o assunto a ser tratado.



Figura 14¹⁴

¹⁴ FONTE: globoesporte.globo.com

Outro exemplo claro, são as escolas de samba no carnaval que defendem cores próprias. Fica fácil ver ao longe uma capa de revista nas cores verde e rosa depois do julgamento das escolas de samba e saber que àquela edição trata da vitória da “Mangueira”.

A escolha das cores é uma prática diária dentro do jornalismo, distinguir qual cor dará mais ênfase a determinada manchete ou aliar a tipologia à cor que lhe cairá melhor, tudo isso faz parte do dia-a-dia do jornalismo.

Bari (2006) enfatiza: “Dentro de uma reportagem, as cores são incumbidas de responsabilidades como organizar informações, sistematizar espaços e destacar aquilo que há de mais importante na matéria”. O azul transmite calma e serenidade, o vermelho remete a idéia de intensidade, agressividade, o preto é por vezes mórbido e por vezes luxuoso e assim por diante.

A cor-informação se refere a um determinado conceito de cor que segundo Guimarães (2003),

“a considera, na sua dimensão pragmática, como informação atualizada do signo, e, na sua dimensão semântica, como componente de complexos significativos (os textos) organizados por sistemas de regras (os códigos) e que, sendo necessariamente um dos elementos da sintaxe visual, é responsável pela construção de significados, em caráter informativo” (GUIMARÃES, 2003, p.32)

Desta forma, podemos atribuir à cor o papel também de mediadora. Dotada de intenções evidentes ou não, ela assume o papel de informadora e contribui de forma importante com o processo comunicacional, a cor ajuda a contextualizar a informação, a inserir emoção na notícia quando esse é o intuito. A precisão da informação através dessa cor, dependerá no entanto, do conhecimento que o receptor tem do contexto em que tal cor está inserida.

Porém, Guimarães (2003), alerta para a utilização correta das cores no campo da comunicação. Para ele a cor pode ser muito bem utilizada para informar, mas “todo ato de informação ou comunicação implica intenções e responsabilidades” e tem ações positivas e negativas, pode gerar “informação, compreensão e formação” ou pode ser responsável pela “geração de desinformação, de incompreensão e de deformação”.

Podemos identificar em vários produtos jornalísticos uma saturação de imagem e de cores, um aumento de imagens coloridas que não correspondem ao aumento de qualidade. Mas, salvo as exceções, a cor tem uma importância enorme nessa relação de elementos não verbais (texto-imagem-cor), pois ela se antecipa aos outros elementos e direciona a informação, dentro da matéria ela estabelece relações, contribui para a organização de informações e melhora a compreensão do texto.

CAPÍTULO II- A revista *Veja* e o Caso Isabella Nardoni

1. *Veja* e o Universo das Revistas

1.1. O Surgimento das Revistas

A primeira revista que se tem notícia surgiu na Alemanha em 1663 e chamava-se *Erbauliche Monats-Unterredungen* (Edificantes Discussões Mensais), a princípio, se parecia mais com um livro e só podia ser tida como revista por abordar apenas um tema, neste caso a teologia. Assim como acontece com toda inovação, ela foi inspiração em publicações similares, a exemplo do *Journal de Savants* que surgiu na França em 1665, entre outras. Vale a pena salientar que essas publicações surgidas entre 1663 e 1680 não carregavam o nome de revista e tão pouco se pareciam com os modelos atuais, no entanto já mostravam o objetivo principal do novo veículo, tratar de assuntos específicos e para um público também restrito.

De acordo com Scalzo (2008), em 1672, surge, na França, a *Le Mercure Galant*, que trazia um conteúdo mais leve, anedotas, notícias curtas e poesias, o que significou um referencial para as revistas subseqüentes que aprovaram a receita e também à usaram. Em 1731, é lançada em Londres a primeira revista mais parecida com o que conhecemos hoje, a *The Gentleman's Magazine*, as revistas em inglês e francês passam então a partir daí a adotar o termo magazine, referente aos grandes magazines que vendiam de tudo um pouco.

Ao longo do século XIX, a revista foi conquistando seu espaço, ditando moda, e atraindo as pessoas por essa nova possibilidade de ter informação escrita com uma qualidade bem superior à do jornal, com gravuras bem mais elaboradas e um espaço privilegiado para a explanação das temáticas ali encontradas.

No Brasil, as revistas chegaram com a Corte Portuguesa, que vinha fugindo da guerra e de Napoleão, no início do século XIX, trazendo assim logo assunto para ser publicado.

As revistas chegaram por aqui no começo do século XIX junto com a corte portuguesa— que vinha fugindo da guerra e de Napoleão. Quer dizer chegaram junto com o assunto de que iriam tratar e com os meios para serem feitas. Antes disso, proibida por Portugal, não havia imprensa no Brasil. (SCALZO,2008, p. 27)

A primeira revista brasileira apareceu em 1812, intitulada *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*, propunha-se a tratar de discursos sobre costumes e moral, extratos de história antiga e moderna, nacional e estrangeira, assim como todas as outras que já circulavam pelo mundo tinha também cara de livro. Depois de *Variedades*, surgem inúmeras outras revistas no país, a carioca, *O Patriota*, a científica, *Propagador das Ciências Médicas*, a feminina, *Espelho Diamantino*, bem como tantas outras. Algumas foram tidas inclusive como fenômeno editorial no país, foi o que aconteceu com *O Cruzeiro*, criada pelo jornalista Assis Chateaubriand, que trazia grandes reportagens e dava uma atenção especial ao fotojornalismo. Junto com *O Cruzeiro* veio também *Manchete* da Editora Bloch, uma revista ilustrada que valoriza ainda mais os aspectos gráfico e fotográficos. E a indústria de revistas continuou investindo, foi aí então que surgiu *Realidade* e junto com ela algumas que ainda estão em circulação como *Veja* da Editora Abril, bem como *Época* da Editora Globo, *Capricho*, lançada em 1952 também pela Editora Abril, entre outras.

1.2. *Veja*: Sucesso, Controvérsias e Curiosidades

Criada pelos jornalistas Victor Civita e Mino Carta, *Veja* nasceu em 1968 seguindo o padrão norte-americano da revista *Time*. O país passava por um momento de enorme repressão o que só dificultou sua inserção no mercado, *Veja* teve que lutar no auge do Período Ditatorial “com dificuldade, durante sete anos, contra os prejuízos e contra a censura do governo militar, até acertar sua fórmula” (SCALZO, 2008, p.31).

Vilas Boas (1996), ao falar sobre *Veja*, lembra que seu começo não foi fácil, a revista contratou jornalistas experientes, mas que até então só tinham trabalhado com o jornal diário, então foram feitas algumas reportagens com o intuito de definir a linha editorial que a revista iria seguir, no entanto a primeira experiência foi trágica, “o que os

editores tiveram nas mãos era apenas uma grande matéria, digna de ser publicada no *Jornal da Tarde*, mas nunca numa revista semanal de informações” (SOUZA,1988, p.83 apud VILAS BOAS,1996, p.83). De início, *Veja* é um fracasso nas vendas, a revista trazia muito texto, e um texto difícil de ser entendido, os jornalistas que a compunham sentiam uma certa dificuldade para torná-la atraente.

O produto *Veja*, de início, não vende. Além de fracassos no organograma, Roberto Civita e Mino Carta concordam que a revista era complicada demais e era um texto difícil de se ler (...) Então tínhamos que aprender a fazê-la, aprender a torná-la mais atraente. Não mudar-lhe o propósito, mas executá-la melhor. Era como construir uma carroceria com o caminhão andando (SOUZA,1988, p.93 apud VILAS BOAS,1996, p.83)

Hoje em dia, porém podemos observar que esse quadro mudou, atualmente a *Veja* ocupa o posto de revista semanal mais vendida do país, sendo também a quarta revista de informações mais vendida do mundo ficando atrás apenas da *Time*, *Newsweek* e *US News & World Repot* (SCALZO,2008)

Publicada pela Editora Abril, a revista trata de temas do cotidiano, fala de cultura, entretenimento, política, economia dentre outros assuntos, eventualmente trás edições com temáticas regionais como *Veja São Paulo* e *Veja Rio*, e pode se orgulhar de ter uma tiragem que ultrapassa o número de um milhão de exemplares.

Ao longo de sua história, *Veja* publicou fatos de notável importância dentro do cenário brasileiro e mundial, não é difícil mencionar alguns desses fatos, como, a aprovação do divórcio em nosso país em 1977, a queda do Muro de Berlim, símbolo do fim da Guerra Fria, ou mesmo quando o polonês João Paulo II foi eleito papa após quatro séculos ininterruptos da supremacia italiana.

No entanto, a revista é por muitos, julgada como parcial e tendenciosa, sendo por vezes protagonista de algumas controvérsias, podemos citar como exemplo, a edição de agosto desse ano que trouxe a reportagem “Índio acertou no alvo”, a matéria foi motivo de polêmica e foi parar no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que concedeu ao Partido dos Trabalhadores (PT) o direito de resposta à ser publicado na própria revista. A reportagem se referia as declarações do deputado Índio Costa a cerca de um possível envolvimento do PT com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia

(FARC). O caso foi julgado pelos sete ministros titulares do TSE e para quatro deles a revista não se limitou apenas a reportar os fatos, mas também deu ênfase excessiva a fala do deputado que por si só já era bastante ofensiva.

Veja também gera polêmica, como foi o caso da edição de 27 de janeiro de 1982, quando a revista noticiou a morte da cantora Elis Regina, trazendo em sua capa a seguinte chamada: “A morte de Elis Regina: A tragédia da cocaína”, a matéria trazia os motivos que teriam ocasionado a morte da artista, “intoxicação combinada de bebidas e cocaína”. A reação do público, a própria *Veja* cita alguns anos mais tarde em uma edição comemorativa:

No ambiente ainda provinciano de adoração incondicional aos “artistas” (...) houve reclamações, protestos e o tantas vezes repetido ritual de culpar o mensageiro pela mensagem. No final, uma alto-definição da cantora que contrariava os acomodados: “Eu não tenho a menor intenção de ser simpática a algumas pessoas. Eu sou do contra.” (VEJA,2007, ed.2000, p.77)

Muitos foram os temas abordados pela revista ao longo desses 42 anos de existência. Perseguindo a construção de uma história de sucesso e excluindo alguns dos incidentes anteriormente citados, *Veja* conseguiu reconhecimento e admiração. Vilela (2008) ao citar a pesquisa anual do Meio & Mensagem, edição 2008, ressalta que *Veja* ficou com o título de revista mais admirada do país, Vilela elucida o motivo de tamanho reconhecimento:

Tamanho reconhecimento é fruto da vantagem da ampla capacidade de cobertura sobre assuntos de interesse geral ou matérias dirigidas a públicos específicos. Com periodicidade maior, oferece mais tempo para o trabalho de pesquisa e investigação dos repórteres, que dispõem de mais espaço para a divulgação de informações. Tem linguagem, estilo e vocabulário parcialmente diferente dos jornais, porque permitem o desenvolvimento textual com mais conteúdo e até mais liberdade criativa dos jornalistas. (VILELA,2008, p.40)

Segundo o criador de *Veja* e presidente do Grupo Abril, Roberto Civita, o sucesso de seu produto editorial, se dá graças a aprovação de seu jornalismo, um jornalismo que de acordo com ele é feito em defesa da democracia e da liberdade. Em um dos editoriais da revista, Civita se compromete com o leitor:

Mesmo quando a bússola oscilou, nunca perdemos de vista o nosso norte. Mais uma vez reafirmo o nosso compromisso fundamental: não importa a intensidade das borrascas, estaremos sempre aqui, firmes, empenhados em fazer bom jornalismo na defesa da democracia, da liberdade e do progresso do Brasil. (VEJA, 2007,ed.2000, p.9)

Para Vilas Boas (1996, p.82), a chave para o sucesso de *Veja* encontra-se em três palavras que Muniz Sodré utiliza como critério para entender os padrões editoriais do jornalismo de revista, são elas: sensação, sucesso e relaxamento. A sensação e o sucesso, tratados por Vilas Boas como sensacionalismo “é uma forma de sedução do texto da revista semanal de informações” e segundo ele “luxo, alta posição social, feitos extraordinários, beleza física e outros fatores enquadram-se no padrão *Veja* de valorização do sucesso”.

Ainda citando Sodré, Vilas Boas lembra da terceira característica, o relaxamento, que seria um convite ao entretenimento, ao contrário de quem ler o jornal diário, muitas vezes apenas por necessidade, o leitor de revista busca algo mais, um texto mais atraente e leve.

Além disso outro fator importante dentro da revista é o aspecto gráfico, que atua também como provocador, o uso de imagens fotográficas, a paginação bem elaborada, a diagramação bem feita aliados ao texto são de suma importância para o perfeito entendimento do leitor, tratando-se de *Veja*, Vilas Boas elucida:

No caso de *Veja*, contudo, o arrebatamento da imagem fotográfica, a paginação bem-cuidada, não chegam a limitar a percepção do leitor em relação ao conteúdo do texto, conforme se vê mais acentuadamente nas revistas que privilegiam a imagem. Genericamente, a revista é um produto de mercado. O interesse do editor, obviamente, é de que ela venda. (VILAS BOAS,1996, p.82)

Assim como outras revistas semanais, *Veja* escolhe seus assuntos por grau de importância dentro dos noticiários que antecederam sua publicação, trazendo evidentemente fatos complementares aos que já tenham sido noticiados e abusando da imagem, cor e textos bem elaborados, para atingir a receita tríplice: sensação, sucesso e relaxamento.

2. O caso Isabella Nardoni

2.1. O dia 29 de março de 2008

No dia 29 de março de 2008, uma criança de apenas cinco anos morre após cair do sexto andar de um prédio de classe média na Zona Norte de São Paulo. Trata-se de Isabella de Oliveira Nardoni, filha de Ana Carolina Cunha de Oliveira e Alexandre Alves Nardoni, sendo os pais separados Isabella passava o fim de semana com o pai quando tudo aconteceu.

A menina foi encontrada ferida no Jardim do Edifício Londom, onde seu pai morava com sua madrasta, Ana Carolina Trotta Peixoto Jatobá, e seus dois meio-irmãos, socorrida pelos bombeiros Isabella foi levada ao hospital, mas não resistiu e morreu a caminho.

Segundo Alexandre Nardoni, em depoimento dado a polícia e divulgado pela imprensa na época, ele e toda família haviam acabado de chegar ao prédio. Alexandre teria levado Isabella, que já dormia, para o quarto enquanto Ana Carolina Jatobá e as outras crianças o esperavam no carro. O pai da menina teria descido para ajudar a carregar seus filhos um menino de três anos e outro de 11 meses, quando finalmente voltou ao apartamento viu a tela de proteção do quarto de Isabella cortada e a menina caída no gramado.

O casal Nardoni passa aquela noite de sábado na delegacia prestando esclarecimentos. Dois dias após o acontecido, a polícia descarta a possibilidade de acidente e afirma que se trata de um homicídio, onde alguém rompeu a tela e jogou a criança pela janela.

O Brasil, passa a partir daí a acompanhar uma verdadeira novela, envolvendo a vítima, seus pais e a madrasta. Revistas, telejornais, programas radiofônicos, jornais impressos todos se voltaram para o tema que foi motivo de uma verdadeira comoção nacional.

2.2. A Investigação

Com o desenrolar do caso, a polícia trabalhava em cima da certeza de que o que aconteceu no Edifício Lodom, àquela noite era realmente um caso de homicídio, vestígios de sangue foram encontrados no apartamento dos Nardoni, e após perícia foi constatado que a rede de proteção, não do quarto de Isabella, mas do quarto dos irmãos dela teria sido cortada. A perícia também constatou que no assoalho e no banco de trás do carro da família havia marcas de sangue compatível com o de Isabella, foram encontrados no corpo da menina indícios de espancamento e asfixia que teriam sido provocados antes de sua morte.

Com os indícios apontados na investigação, Nardoni e Ana Carolina Jatobá, começaram a ser vistos como principais suspeitos, acreditava-se que eles poderiam sim ter causado a morte da menina Isabella. Em depoimento prestado, Ana Carolina Oliveira, mãe de Isabella, disse que a filha gostava muito do pai, a garota nunca relatou casos de violência por parte dele contra ela, apesar de já ter mencionado atos contra seus irmãos. Conforme publicado na revista *Veja* (2008):

Em depoimento à polícia, Ana Carolina Oliveira, a mãe de Isabella, disse que a filha nunca reclamou de maus-tratos por parte do pai ou da madrasta. Mas falou de dois episódios que sugerem que o casal, ao menos por duas vezes, maltratou seus dois filhos. Ambos teriam sido relatados a ela por Isabella. O primeiro dá conta de que Anna Carolina, em meio a uma discussão com o marido, motivada por ciúme, "jogou sobre a cama" o filho Cauã, de 11 meses, antes de partir para cima de Nardoni, furiosa. A criança teria começado a chorar e Isabella a acudiu. No outro episódio, Nardoni teria suspendido o filho mais velho, Pietro, de 3 anos, no ar e o soltado no chão, como forma de repreendê-lo por ter beliscado Isabella. (VEJA, 23 de abril de 2008)

Durante as investigações, os depoimentos dos Nardoni sofreram alguns conflitos de informação, Alexandre Nardoni teria relatado no boletim de ocorrência que a porta do apartamento estava arrombada e que viu alguém fugindo logo após a tragédia, enquanto que em seu depoimento afirmou ter visto a porta fechada e não mencionou a existência de outra pessoa no local. Essas e outras peculiaridades do caso serviram para incrementar essa trama de suspense que se gerou em torno da morte de Isabella.

2.2.1 Fatos Importantes na Cronologia do Caso ¹⁵

- a) 29 de março de 2008 (sábado)- Dia em que a menina, Isabella Nardoni, cai do sexto andar do prédio onde seu pai morava, ela é socorrida mais morre a caminho do hospital. Os médicos legistas analisam o corpo e encontram ferimentos no corpo da criança que podem ter sido causados antes da queda. O pai e a mulher passam a madrugada na delegacia.
- b) 30 de março de 2008 (domingo)- Os depoimentos duram o dia todo e a polícia afirma que trata-se de um homicídio o que aconteceu no Edifício Londom. Segundo a polícia alguém rompeu a tela protetora e arremessou a criança.
- c) 31 de março de 2008 (segunda-feira)- Isabella é enterrada. A perícia vasculha o apartamento dos Nardoni e descobre que a tela de proteção rasgada era a do quarto dos irmãos de Isabella, não a do quarto da menina, recolhem a tela e alguns utensílios domésticos que poderiam ter sido usado para fazer o corte, além de amostras de sangue encontrado no apartamento e roupas da vítima, entre elas uma camiseta rasgada.
- d) 1º de abril de 2008- A polícia ouve seis pessoas: o primeiro policial a chegar ao prédio, logo depois da morte, dois ex-vizinhos e três vizinhos da família. Eles contam que ouviram gritos.
- e) 2 de abril de 2008- A mãe da menina, Ana Carolina Oliveira, presta depoimento à polícia, com base nesse depoimento a polícia pede a prisão preventiva de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá, a justiça aceita e determina a prisão.
- f) 7 abril de 2008- Peritos concluem que Isabella foi espancada e asfixiada dentro do apartamento antes de ser jogada da janela do sexto andar.
- g) 11 de abril de 2008- Justiça de São Paulo concede habeas corpus ao casal Nardoni. Ao sair da delegacia, o casal é recebido com uma manifestação de curiosos que chegam a empunhar pedras.

¹⁵ Os fatos aqui apresentados tiveram como base a cronologia do caso elaborada pelo site de notícias <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL386739-5605,00 VEJA+A+CRONOLOGIA+DO+CASO+ISABELLA.html> (acesso em 27 de setembro de 2010)

- h) O promotor, Francisco Cembranelli, afirma que existem indícios que ligam o casal, Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá, aos ferimentos causados à Isabella antes de sua morte.
- i) Polícia diz que vai intimar Cristiane Nardoni, irmã de Alexandre, a depor. Os investigadores querem saber se ela é a mesma mulher que o funcionário de um bar diz ter visto atender um telefonema na noite do crime, e se desesperado com o que a pessoa do outro lado da linha falou, além de ter comentado algo que ligava Nardoni ao crime.
- j) 16 de abril de 2008- Exame de DNA feito pela perícia confirma que o sangue encontrado no chão do apartamento da família é mesmo de Isabella.
- k) 17 de abril de 2008- Laudo do Instituto de Criminalística, diz que a menina sofreu um processo de esganadura durante três minutos dentro do apartamento, o que ocasionou uma parada respiratória. Depois, Isabella foi jogada. A queda ocasionou um politraumatismo, com lesões nos órgãos internos. Segundo a polícia, não havia mesmo uma terceira pessoa no apartamento naquela noite de sábado, 29 de março. A perícia também constatou que a pegada no lençol era do chinelo de Alexandre Nardoni, pai da garota.
- l) 18 de abril de 2008- Laudos da perícia apontam que havia marcas de sangue no carro da família e que pegadas na cama do quarto onde Isabella foi jogada, eram do pai, Alexandre. Concluiu-se também nestes laudos que marcas de esganadura no pescoço da menina eram compatíveis com as mãos de Ana Carolina Jatobá.
- m) 24 de abril de 2008- O promotor do caso, Francisco Cembranelli afirma que houve manipulação da cena do crime, pois manchas de sangue no apartamento e no carro do pai de Isabella teriam sido lavadas.
- n) 27 de abril de 2008- Peritos realizam a reconstituição do crime. O trabalho no Edifício London começa por volta das 9h40 e vai até as 17h15. Técnicos simulam por duas vezes, a queda da menina. Uma boneca com peso e tamanho de Isabella é lançada pelo buraco da tela de proteção, mas não despenca: fica pendurada por cordas.

- o) 30 de abril de 2008- Pela manhã, investigadores protocolam no Fórum de Santana, na Zona Norte, o inquérito e o relatório final com as conclusões da Polícia Civil sobre o fato. O promotor Francisco Cembranelli informa que, junto com o documento, os policiais pedem a prisão preventiva do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta da menina. Ele disse que analisaria o inquérito durante o feriado de 1º de maio e só depois disso decidira sobre uma possível denúncia do casal à Justiça.
- p) 6 de maio de 2008- O promotor do Ministério Público de São Paulo, Francisco Cambranelli, entrega denúncia à Justiça contra o casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. A denúncia é por homicídio doloso, quando há intenção de matar, triplamente qualificado (meio cruel, impossibilidade de defesa da vítima e para ocultar outro crime). Em entrevista coletiva, ele diz que “ambos mataram” a menina Isabella Nardoni.

Além de homicídio, o casal irá responder por fraude processual. Segundo o promotor, Alexandre e Anna Carolina alteraram a cena do crime. Cembranelli também deu parecer favorável ao pedido de prisão preventiva feito pela polícia contra o casal.

- q) 7 de maio de 2008- A noite o casal Nardoni se entrega a polícia, após passarem por exame de corpo de delito no Instituto Médico Legal.
- r) 16 de maio de 2008- Superior Tribunal de Justiça (STJ) nega pedido de habeas corpus de defesa do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá. O ministro do STJ Napoleão Nunes Maia Filho não viu “defeito” na decisão do desembargador Caio Canguçu de Almeida, que, na terça-feira (13), decidiu manter os dois na prisão.
- s) 17 de junho de 2008- As testemunhas de acusação começam a ser ouvidas.
- t) 18 de junho de 2008- No segundo dia de depoimentos das testemunhas de acusação a mãe da vítima, Ana Carolina Oliveira, foi ouvida e relatou que havia uma certa preocupação por parte da família de Alexandre, em deixar Isabella sozinha com a madrasta.

Novas revelações surgem no caso. O síndico do Edifício Lodom, afirmou ter sido procurado por um morador do prédio, chamado Jeferson, que disse ter conversado com um dos filhos do casal, Pietro de 3 anos, na noite da morte, ao ser questionado se havia mais alguém no apartamento fora seus irmãos e pais, o menino respondeu que não havia mais ninguém.

- u) 27 de Março de 2010- Dois anos depois da morte de Isabella o casal, Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá, vão a júri popular. Nardoni foi condenado a 31 anos, 1 mês e 10 dias de prisão em regime fechado pelo crime de homicídio, com os seguintes qualificadores: uso de meio cruel, impossibilidade de defesa da vítima e prática de crime destinado a ocultar crime anterior. Além disso, aumentaram a pena de Nardoni os seguintes agravantes: o fato de a vítima ter menos de 14 anos e de ele ser seu pai. Anna Carolina foi condenada a 26 anos e 8 meses de detenção, também em regime fechado, pelo mesmo crime, com os mesmos qualificadores e agravantes (exceto, obviamente, o da paternidade da vítima). Foram acrescentados 8 meses de prisão em regime semiaberto para cada réu por fraude processual: a tentativa do casal de "limpar" a cena do crime¹⁶.

3. A Repercussão do Caso na Mídia

Sem dúvida alguma, a morte de Isabella Nardoni teve espaço garantido na mídia, houve em torno desse crime uma verdadeira espetacularização da notícia, assim como acontece por vezes nos casos que envolvem crimes bárbaros, morte e violência (ver capítulo I).

O Brasil acompanhava dia após dia, o desenrolar do caso, que virou comentário no botequim, nos salões de beleza ou mesmo na porta de casa, parecido com os espetáculos da ficção, o espetáculo da vida real, fez com que as pessoas

¹⁶ A sentença foi obtida em consulta à edição do dia 31 de março de 2010 da revista *Veja*.

“arriscassem”, seus palpites acerca de quem eram os verdadeiros culpados e claro que a mídia não poderia deixar de dar sua colaboração, enquanto “formadora de opinião”.

Os meios de comunicação começaram então um bombardeio de informações sobre o público e uma verdadeira guerra fria entre os próprios veículos, para ver quem “traria” primeiro a notícia ou de quem eram as notícias mais “quentes”, como costumava-se dizer nos bastidores do jornalismo.

Cada veículo de informação que utilizasse de seus artifícios para chamar a atenção do público, os impressos traziam textos e imagens cada vez mais comoventes, a TV usava sua característica visual para reproduzir o crime por meio de simulações gráficas, os locutores de rádio carregavam na emoção das palavras e o webjornalismo é claro informava tudo em tempo real, com matérias cheias de hiperlinks que não deixavam quem acessava perder nem se quer um segundo da história.

3.1. O Caso Isabella Nardoni noticiado por *Veja*

Assim, como nos outros veículos de informação, *Veja* também deu um enfoque bastante relevante e grande espaço a cobertura do Caso Isabella Nardoni, quatro de suas edições trouxeram o assunto como tema principal.

Na primeira edição dessa *suíte*, publicada em 9 de abril de 2008, apenas onze dias após a morte de Isabella, *Veja* traz na sessão “*Comportamento*”, a matéria intitulada: “*Quando o mal triunfa*”. Nessa matéria, a revista relaciona uma série de crimes bárbaros contra crianças e ao tratar da morte de Isabella deixa claro que o principal suspeito do crime é seu pai, Alexandre Nardoni.

A morte de uma menina de 5 anos aparentemente jogada da janela do 6º andar já seria por si só brutal – mas o caso é tanto mais chocante porque o pai da garotinha aparece como suspeito do crime. Os brasileiros que se comoveram com o assassinato de Isabella Oliveira Nardoni acabavam de ser expostos a outra crônica de horrores (...). (VEJA, 2008, ed.2055, p.90)

No mesmo exemplar, *Veja* traz outra matéria, relacionada ao caso Isabella, desta feita intitulada “*O anjo e o monstro*”, já no título percebesse uma dicotomia fazendo

menção ao “bem” que seria a “pobre criança” e o “mal”, “os criminosos que cometeram tal barbaridade”. Segundo Santos & Oliveira (2009, p.6), as palavras “anjo” e “monstro” remetem “ao imaginário popular: “Anjo”, figura bíblica que simboliza a bondade, singeleza e simplicidade, e monstro, associado diretamente à maldade, à perversidade e à morte”, a algo bizarro e agressivo. Essa matéria traz relatos da polícia e cita características sobre a personalidade de Alexandre Nardoni, citado como agressivo.

Alexandre Nardoni é tido como uma pessoa violenta. Das quinze testemunhas ouvidas até agora pela polícia, dez afirmaram ter tido conhecimento de que ele agredia fisicamente a mulher. (...) Moradores contam que as brigas eram tão freqüentes e ruidosas que já haviam resultado em quatro advertências por parte da administração do condomínio. (Veja, 2008, ed.2055, p.97)

As reportagens especiais e matérias ligadas à morte de Isabella Nardoni não param por aí, na edição de número 2057, *Veja* lança uma matéria especial intitulada: “*Frios e dissimulados*”, esta traz em seu texto fatos novos divulgados pela polícia, a investigação teria concluído que as agressões contra Isabella tiveram início dentro do carro da família. Além de ricos infográficos a matéria vinha alicerçada por fotos da menina, de sua mãe, “dos criminosos”, entre outras pessoas envolvidas no caso. Abaixo a ilustração utilizada no início da matéria.



INDICIADOS

Os resultados da perícia mostram que Nardoni jogou Isabella pela janela minutos depois de Anna Carolina, madrastra da menina, tê-la asfixiado

Figura 15¹⁷

¹⁷ FONTE: Revista Veja ed.2057

Com a prisão do casal Nardoni decretada, *Veja* fez um outro especial sobre o caso, só que agora sobre a vida de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá na prisão. Sob a manchete “A vida atrás das grades”, a matéria trouxe um comparativo entre as condições de vida após a prisão de Alexandre e as de Ana Carolina.

A prisão em que está Nardoni reúne um número recorde de "celebridades" do mundo do crime. Estão lá Marcos Valério, o ex-carequinha do mensalão, os irmãos Daniel e Cristian Cravinhos, assassinos confessos dos pais de Suzane von Richthofen, e Mateus da Costa Meira, o estudante que matou três pessoas num cinema em São Paulo.(...) A penitenciária de Ana Carolina também tem uma hóspede notória, além dela própria: a ex-estudante Suzane von Richthofen, condenada pelo assassinato dos pais.(...) Ao contrário do marido, que, nos domingos de visita, ganha enormes "jumbos" (como os presos chamam os alimentos e provisões trazidos pela família), Ana Carolina recebe de seus pais pacotes bem mais modestos. (VEJA, 2008, ed.2088, p.96)

Passados quase dois anos do acontecido, o julgamento do caso finalmente se dá e o casal Nardoni é condenado. Como sempre, o fato é noticiado em *Veja*. Logo no início da revista nos deparamos com a Carta ao Leitor: *Um espetáculo de julgamento*, algumas páginas à frente encontramos uma grande foto de Isabella e os dessa vez “condenados” em um novo especial sobre o fato: “*A justiça foi feita*”.



Figura 16- Foto Inicial da Matéria: A justiça foi feita¹⁸

¹⁸ FONTE: *Veja*, ed. 2158

Nessa matéria Veja, mais uma vez, mostra toda a revolta e indignação originadas pela triste morte de Isabella, além de intencionar causar alívio ao leitor, por saber que agora os verdadeiros culpados estão presos e condenados. A matéria começa da seguinte forma:

Isabella Nardoni, finalmente, poderá descansar em paz. A condenação exemplar de Alexandre Nardoni e Anna Carolina Jatobá pelo homicídio triplamente qualificado da menina fecha um ciclo de dor para os que a amavam e reacende um horror generalizado ao comprovar que aquilo que parecia cruel demais para ser verdade de fato ocorreu. Uma criança de 5 anos de idade foi asfixiada por sua madrasta e lançada viva da janela por seu pai – que, ao vê-la caída no solo, em lugar de socorrê-la, ocupou-se da tentativa de salvar a própria pele e a da mulher, forjando urgência em localizar "o monstro que havia feito aquilo". (VEJA, 2010, ed. 2158, p.81)

Enfim, a revista semanal Veja, se ocupou em relatar com detalhes os acontecimentos que se sucederam em torno da morte da menina Isabella Nardoni, nesta última edição sobre o fato pôs fim à dúvida à cerca de quem seriam os culpados do crime, além de fazer o leitor reviver os momentos daquele dia 29 de março de 2008.

Além das características citadas aqui sobre as matérias, todas as quatro edições trouxeram aos olhos do leitor, um show a parte, a composição de suas capas, que serão mais a fundo estudadas no capítulo que se segue.

CAPÍTULO III - Análise do Corpus

1. Seleção do Corpus

Elaborado o nosso estudo com reflexões e embasamento teóricos a cerca do conceito de sensacionalismo, espetacularização da notícia, bem como dos conceitos que cerceiam o universo das cores, imagens, texto, enfim, o universo dos signos e assim o da ciência que a eles estuda, a semiótica, nos propusemos a fazer uma análise nos alicerçando no que aqui foi abrangido.

Escolhemos um tema de grande repercussão nacional nos últimos anos, espetacularizado pela imprensa sensacionalista e que reúne fatores que chocam a sociedade. Trata-se de um crime bárbaro, onde a vítima fora uma menina de cinco anos de idade, cujo os suspeitos e hoje comprovadamente seus assassinos, eram o próprio pai e sua madrasta. Escolhemos, portanto, como caso a ser estudado o assassinato de Isabella Nardoni, desta feita noticiado dentro da revista semanal de maior circulação do país, a *Veja*. No entanto, nossa proposta não é a de analisar as matérias circuladas pela revista aqui em questão, mas, sim, as capas correspondentes ao tema Isabella. Para tanto, escolhemos as edições de número 2055, 2057, 2088 e 2158, referentes aos dias 9 e 23 de abril de 2008, 26 de novembro do mesmo ano e 31 de março de 2010, respectivamente. Antes, porém, faremos uma breve consideração sobre o conceito de capa.

2. A capa como elemento de atração

Sem dúvida, a capa é o cartão de visitas de uma revista, é o primeiro elemento de atração e julgamento do leitor. É o que faz a revista vender, por isso precisa expressar bem o que trará em sua edição. Porém, não existe uma fórmula exata para a criação de uma capa. Em alguns casos, a capa já nasce pronta (dependendo do assunto a ser abordado na edição), quando, por exemplo, a edição vem trazendo um

assunto polêmico ou uma revelação bombástica, no entanto, não é sempre que isso acontece. Então:

Em qualquer situação, uma boa imagem será sempre importante- e é ela o primeiro elemento que prenderá a atenção do leitor(...) A chamada principal e a imagem da capa devem se complementar, passando uma mensagem coesa e coerente. Por melhor que seja a imagem escolhida, o fundo da capa (seja fotografia ou não) não pode atrapalhar a legibilidade das chamadas. Numa capa, aliás, a legibilidade é tudo. (SCALZO, 2008, p.63)

A capa é o atrativo da revista, ela serve como vitrine na divulgação do que ali está contido, e por isso requer atenção redobrada em sua produção, para que não se torne apelativa ou não consiga passar a mensagem a que se propõe. Collaro (2000), ressalta que a capa deve condensar o conteúdo jornalístico mais importante que formará a pauta da revista, é evidente que a capa trará fotos e textos que chamem a atenção para o conteúdo principal daquela edição.

Scalzo (2008), lembra que a capa deve ser um deleite para os olhos dos leitores, e por isso precisa ser o resumo irresistível de cada edição, é de grande importância que aja uma boa elaboração da capa, reunindo aspectos gráficos e textuais que sejam atraentes para o leitor. Puzzo (2009) elucida:

(...) a articulação entre a linguagem verbal e a visual, além de atrair a atenção do público, despertando o desejo de compra e propiciar a apreensão imediata dos assuntos tratados na revista, exerce o poder persuasivo, levando-o a encampar as ideias subjacentes ao enunciado expresso. Na composição da página circulam informações sob o viés de um grupo socialmente constituído que expressa também um julgamento de valor, geralmente imbricado na informação, levando à apreensão dos fatos sob um prisma determinado, inapreensível à primeira vista e que direciona a leitura dos fatos reportados nas matérias internas das revistas. (PUZZO, 2009, p. 130)

Puzzo, ressalta aí outro fator bastante importante, que é a informação implícita na capa de uma revista, é obvio que o leitor espera uma certa imparcialidade por parte do veículo de informação, mas infelizmente não é bem assim que acontece, e a capa é sem dúvida um elemento bastante utilizado para expressar a posição do veículo e assim influenciar seu leitor a cerca de um determinado fato. A fotografia, as cores a escolha dos títulos, todos estes são elementos que tendem a causar impacto no

receptor, a imagem que constitui-se como a representação da realidade aliada aos enunciados que passam a expressar indiretamente uma versão subjetiva da informação, são grandes armas nas mãos de quem produz a revista.

Ainda citando Puzzo (2009), as capas podem ser consideradas gêneros discursivos secundários por exigirem um processo de elaboração complexo

Há um enunciador, representado por uma equipe de produção responsável por anunciar as matérias veiculadas em cada edição: informações, reportagens, resenhas, geralmente de interesse imediato. Além desse anúncio, existe a necessidade de tornar os assuntos relevantes e atraentes para o leitor, de modo a provocar seu interesse pela aquisição e leitura desse material anunciado nas capas. (PUZZO, 2009, p.65)

Diante da complexidade utilizada na elaboração das capas de revista, e tendo em mente que há existência de uma linguagem verbo-visual latente e cheia de significados, buscaremos agora destrinchar os significados e contextos implícitos dentro do corpus escolhido.

3. Análise do Corpus

3.1. Edição 2055 de 9 de abril de 2008



Figura 17- Edição 2055 de 9 de abril de 2008 ¹⁹

¹⁹ FONTE: <http://www.veja.com.br>

A capa da edição de número 2055, é toda constituída em cima das variações entre o preto e o cinza, traz como imagem principal um olho, que julga-se ser feminino, de eminente beleza em que se vê refletida a imagem feliz de Isabella Nardoni. *Veja* também explora de forma significativa o texto dentro desta capa e para tanto se utiliza de letras grandes e fontes variadas com cores distintas. A logomarca da revista é outro elemento que chama a atenção, pois acompanhando o contexto da cor em que está inserida também adota o tom cinza.

É importante salientarmos que a capa dessa edição, ao contrário do que acontece geralmente, aborda apenas essa matéria principal, sem fazer menção a qualquer outra matéria que esteja contida em seu interior. Analisaremos a seguir cada elemento compositor da capa em questão.

3.1.1. Imagem

A imagem desta capa, um olho bonito e ao mesmo tempo sombrio, com uma criança vítima de violência nele refletida, leva o leitor a concluir que o perigo ou mesmo o mal pode está em pessoas próximas, à quem é dispensada grande confiança, neste caso, parentes íntimos da vítima, acima de qualquer suspeita. Pelo fato da criança em questão ser Isabella Nardoni, a revista mostra que talvez tenham sido pessoas dessa natureza que provocaram sua morte.

A imagem do olho feminino, remete a figura da madrasta que dentro dos contos de fada é tida como má e cruel, capaz de “torturar, abandonar e até mesmo matar” a enteada. Analisando a capa por esta perspectiva entendemos que a madrasta da menina pode ter sido causadora de sua morte, ou até mesmo que seus olhos “frios e cruéis” possam ter testemunhado tudo o que aconteceu naquela noite sem intervir a favor da menina, o que à torna cúmplice da barbárie.

A imagem desse olho representa muito bem, a tríplice signo - objeto - interpretante. A figura do olho assume a condição de signo, pois intenta representar uma outra coisa, no caso o objeto que seria também um olho mas, esse já conhecido

pelo subconsciente do receptor, que produzirá um efeito interpretativo neste. Daí a relação feita pelo leitor, entre um olho feminino obscuro e o olho da figura feminina má, que se tornou mais marcante em sua infância por meio da programação à que foi exposto.

O olhar da referida imagem é duro, ameaçador, imponente, poderíamos até usar a definição de um olhar sigiloso, que esconde quadros dolorosos e cenas humilhantes, olhares como o que vemos nesta capa são intimidadores, usados para reprimir e ameaçar. De forma, que esse olhar nos remete a todos esses sentimentos de repressão e medo sentidos em um determinado momento por aquela criança que teve sua felicidade apagada.

3.1.2. Cores

As cores constituem estímulos psicológicos para sensibilidade humana, influenciando de forma direta o pensamento do receptor sobre o que a ele está sendo apresentado e é sem dúvida de grande importância dentro do processo comunicacional. (ver cap.I)

A capa em questão se apresenta em poucas cores, se detém à uma variação de cinza e preto, o que é o bastante para criar e manter associada ao texto e imagem uma atmosfera negativa, de dúvida e sombras. Tais cores, no ocidente, remetem a morte, angústia, tristeza e penalidade. Segundo Farina (2006), a cor preta é a ausência de luz e corresponde a buscar a sombra e a escuridão, enquanto o cinza está relacionado a tristeza e a decadência.

Quanto às cores adotadas para o texto desta capa atribuímos o uso da cor preta, na tipologia da manchete “O MAL”, por ser uma cor que remete como já foi bem colocado aqui a escuridão e ao sofrimento, enquanto o título “Crianças abandonadas, torturadas e assassinadas” em branco remete a pureza e inocência dessas crianças que estão sendo vítimas de violência. Já o subtítulo que compõe esse texto traz uma tipologia que adota o cinza, fazendo menção ao julgamento e portanto penalidade sofrida pela execução de tais atos perante as leis filosóficas, religiosas e psicológicas.

Não podemos esquecer da logomarca de Veja que aqui adotou a tonalidade cinza, para integrar o contexto gráfico de sua capa. Em meio à tantas outras cores, Veja escolhe exatamente o cinza, para constituir a cor de preenchimento de seu logotipo.



Figura 18

Recorte que mostra a cor adotada para logomarca de Veja.

Utilizando o cinza como cor de preenchimento para sua logomarca, *Veja* mostra pesar por tantos crimes que vem acontecendo no país. Assim, como o Brasil, *Veja* está de luto pelos últimos acontecimentos. O cinza aqui pode ser interpretado pela psicologia das cores, como tristeza, pesar, seriedade e aborrecimento.

A cor na propriedade de signo, mostra dentro deste contexto, todo o seu potencial em exprimir algo a mais que não seja sua própria existência, mostra que pode remeter o receptor à outras sensações produzindo um efeito interpretativo numa mente real ou potencial. (Ver Introdução)

3.1.3. Linguagem Verbal

Além da forte e marcante presença da imagem e das cores, a capa da edição 2055 de *Veja*, traz em seu texto verbal palavras de impacto, a capa traz o seguinte texto:



Figura 19: recorte da edição de 9 de abril de 2008

É importante chamarmos a atenção para o fato de que no texto há uma variação muito grande de tipologias e da mesma forma de cores associadas a elas, nota-se que “O Mal”, está aqui escrito com uma fonte que se sobressai as outras pela presença de serifa e pelo tamanho adotado, além de estar em preto, representando as sombras que norteiam a temática abordada. O mal aqui faz menção a dicotomia bem e mal, onde de um lado estão as vítimas, seres indefesos e do outro o grande vilão, a maldade humana. (ver capítulo II/ 3.1)

“Crianças abandonadas, torturadas e assassinadas”, está em uma fonte também diferente, neste título se faz a relação de três ações sofridas por um único sujeito, na figura ingênua e sem possibilidade de defesa da criança que é submetida a atos monstruosos de abandono, tortura e por vezes são vítimas de assassinos. As palavras nesta oração utilizadas, abandono, tortura, assassinato, são penosas mesmo para pessoas adultas que dirá atitudes como essas relacionadas à uma criança, esse fato sem dúvida é um forte apelo a sensibilidade do leitor

O subtítulo “Uma investigação filosófica, psicológica, religiosa e histórica sobre as origens da perversidade humana”, mostra que a maldade humana é algo bem mais complexo do que se parece e para esclarecer isso a revista se propõe e analisá-la sob as perspectivas filosófica, psicológica, religiosa e históricas fazendo um resgate do mal em suas origens.

A capa da edição 2055, de 9 de abril de 2008, passa para o leitor um cenário de violências que vem sido cometidas por pessoas próximas contra crianças, a imagem de um olhar bonito transmite segurança para uma criança dentro dele refletida, segurança essa que tão logo se desfaz pelas sombras que envolvem aquele olhar, pelo fato da criança refletida ser Isabella Nardoni, compreendemos que a revista quis mostrar que seria possível que pessoas próximas da menina (no caso seu pai e sua madrasta) pudessem ter cometido o crime, pelo olho em questão na imagem ser feminino a revista apela a figura mítica da madrasta, tida em nossa mitologia como “uma substituta impossível da mãe”, aparecendo frequentemente em nossa tradição oral como “figura má e perversa”. (SODRÉ,1972,p.38), a revista nesse sentido se utilizando de elementos não-verbais coloca a madrasta como forte candidata à ter cometido o crime. Vale

salientar porém, que esse número saiu apenas duas semanas após a morte da menina, quando ainda não existiam provas concretas contra um suposto assassino.

Após o primeiro impacto sofrido pelo receptor ao se deparar com uma atmosfera sombria construída através da imagem e das cores, o texto verbal encontra um terreno propício para fixar a idéia de que crianças vem sendo torturadas, mortas e abandonadas. Fazendo uma breve associação entre o texto e a imagem de Isabella, a revista quer mostrar que esse pode sim ter sido o caso da menina, o pai e a madrasta dela podem mesmo ter sido os autores do crime.

Sintetizando, a revista *Veja* na primeira edição em que foi mencionado o caso Isabella Nardoni já mostrava sua opinião e seu “palpite” a cerca de quem seriam os responsáveis pela morte da menina.

3.2. Edição 2057 de 23 de abril de 2008



Figura 20- *Veja*: Edição 2057 de 23 de abril de 2008²⁰

A capa da edição de 23 de abril de 2008, diferente do número anteriormente analisado, não traz apenas o assunto Isabella Nardoni. No alto da página sob uma

²⁰ FONTE: <http://www.veja.com.br>

barra de cor amarela, há também outras notícias de destaque que serão encontradas pelo leitor no interior da revista, trata-se dos seguintes destaques: “Comida: A ameaça dos preços altos”, “Escândalo: A farrá da ONG dos socialistas em Brasília” e “Estados Unidos: Os pobres na terra da riqueza”.

Contrastando com a parte superior da página, o restante da capa assume uma dimensão negra que revela os rostos de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá e logo abaixo encontramos a manchete “Para a polícia, não há mais dúvidas sobre a morte de Isabella: *(em amarelo)* Foram eles” *(em letras garrafais e brancas)*. A logomarca de *Veja*, nesta edição continua adotando a cor cinza para o seu preenchimento.

3.2.1. Imagem

Dentro da referida capa iremos nos aprofundar basicamente na imagem que interessa ao nosso estudo, exatamente a que ocupa grande parte da área gráfica desta página. A *Veja* não poderia ter sido mais explícita do que foi nesta criação, a imagem do pai de Isabella, Alexandre Nardoni, e de sua madrasta, com rostos que demonstram frieza e diríamos até que falta de emoções humanas, diante de um fato de tamanho impacto dentro de uma família, serve como elemento condenatório ao casal.

É importante também notarmos que na imagem a figura de Ana Carolina Jatobá se sobrepõe a do pai da menina, nos levando a acreditar mais uma vez, que *Veja* na construção desta série de capas estava sim querendo de certa forma “usar” o pressuposto cultural da madrasta enquanto figura hostil, capaz de qualquer coisa para defender o amor do marido que é dividido com a filha dele, que por essa vez é a prova concreta de um relacionamento vivido anteriormente com outra mulher.

Mais atrás Alexandre Nardoni, parece querer esconder seu rosto, ao contrário de sua mulher, que aparece com a cabeça erguida pronta para enfrentar o que virá á frente, essa postura mais impetuosa de Ana Carolina, leva o receptor a pensar que ela pode ter sido mentora ou pivô do crime, e que Alexandre se mostrando uma figura mais frágil, talvez de menos personalidade que a mulher tenha sido manipulado para executar o assassinato.

3.2.2. Cores

No alto da página encontramos um efeito de barra na cor amarela que expõe assuntos sem ligação com a temática principal, mas que poderão ser encontrados também dentro daquela revista, neste caso a cor amarela desempenha com notável êxito a função de chamar a atenção para determinado assunto e em contraste com a atmosfera negra que se segue, não apaga a dimensão da pauta principal daquela revista.

O artifício utilizado por *Veja*, em contrastar a capa da revista como se essa fosse composta de dois momentos em tons de cores totalmente distintos é louvável, as notícias da parte superior não ofuscam nem atrapalham a construção gráfica feita na área abaixo. Ela aplica nesta capa três funções importantíssimas da cor-informação (GUIMARÃES, 2003), a de organizar informações, sistematizar espaços e destacar o que há de mais importante.

Na área de maior destaque da capa onde se concentra nosso objeto de estudo, percebemos que cercado a imagem de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá, está uma sombra negra, esta sombra está sobreposta na parte de trás da figura do casal.

O preto neste sentido predominante na sombra em questão, nos dá a idéia de culpa, morte nas costas daquelas duas pessoas, como se aquele casal carregasse um peso, peso este que envolve dor, sofrimento, angústia, destruição, sensações essas próprias da cor preta que, na cultura ocidental, é a cor adotada para demonstrar luto pela morte de um ente querido, o que a torna muito próxima aos nossos olhos do universo da morte. Despertamos aí para mais uma propriedade da cor enquanto signo icônico, a de quali-signo, que torna possível essa relação de similaridade entre o signo e o objeto.

Nesta imagem, o preto cerca o casal, revelando em meio a sujeira, a escuridão, a sordidez e a desgraça, rostos acima de qualquer suspeita, aparentemente inofensivos mas que na verdade fazem parte daquele universo sujo.

Mais uma vez revelando o sentimento do veículo em meio a todos os fatos expostos, *Veja* traz sua logomarca preenchida pela cor cinza, mostrando

compadecimento com o caso agora tratado de forma mais específica da menina Isabella Nardoni.

Quanto a cor escolhida para conferir significado as tipologias fazemos as seguintes ressalvas: atribuímos a escolha da cor amarela para a tipologia da primeira oração, ao fato de que se a polícia está investigando o caso e já tem certeza de que foi o casal Nardoni que cometeu o crime, o público pode ter a esperança, sentimento muito bem expresso pela cor em questão de que a justiça será feita. Já a escolha da tipologia branca acontece devido a ênfase que é dada a oração que está sobreposta a um fundo preto, o branco aqui mostra que essa descoberta trás luz sobre um fato que até então estava oculto, era desconhecido.

3.2.3. Linguagem Verbal

O texto verbal é claro e acusatório, cita uma fonte de credibilidade e autoridade em meio a sociedade que é a polícia, ao dizer: “Para a polícia, não há mais dúvidas sobre a morte de Isabella..” Ao citar a polícia como fonte, a revista visa passar segurança quanto ao teor das afirmações que ali estão sendo feitas, logo abaixo se elucida “FORAM ELES”.



Figura 21- Detalhe da edição de 23 de abril de 2008

Sem dúvida, nesta manchete, a revista se utiliza de todos os recursos gráficos que estão a sua disposição para assegurar que os verdadeiros culpados pela morte da menina “foram eles”. O título sobreposto ao título principal numa fonte menor, mas em caixa alta e na cor amarela não permite que passemos por ela despercebidos ao mesmo tempo que não tira o impacto sofrido pela manchete que se segue em uma

fonte de tamanho significativamente maior e com o preenchimento na cor branca que lhe concede maior visibilidade.

O “FORAM ELES”, nesta segunda oração, é com certeza condenatório e definitivo, a revista mostra com essa afirmação que suas suspeitas se confirmaram, e o que ela sugeria no primeiro número desta série realmente procede, foram mesmo o pai e a madrasta de Isabella que à mataram.

A linguagem verbal adotada nas manchetes da edição em questão, mostra indícios claros de um texto sensacionalista pois rompe o que Angrimani (1995), chama de escudo contra fortes emoções.

Ao trazer na capa deste exemplar a imagem de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá, *Veja* intenciona chocar o leitor por mostrar a ele os rostos do casal, que com certeza naquele momento já são bem conhecidos, mas que inseridos naquele contexto, diante de uma revelação chocante e em meio a um jogo psicológico composto pelo uso de cores providas de sentidos e frases bem elaboradas, ganham dimensões imensuráveis. Até então o leitor tinha suspeitas de que o pai e a madrasta poderiam ter ocasionado a morte da menina, mas agora é diferente a revista à qual ele lê ou assina, na qual ele confia (partindo do pressuposto do receptor entre tantas outras ter escolhido *Veja* para acompanhar aquele caso), está afirmando com toda convicção que suas suspeitas foram confirmadas, o casal realmente é o responsável pela morte de Isabella Nardoni, e mais ainda cita como fonte a instituição que tem como atribuição zelar pela segurança da sociedade.

A polícia e *Veja*, duas fontes em quem ele confia, estão ali afirmando que o casal é culpado, o receptor ler aquela manchete e olha para os rostos dos “assassinos”, pensa na barbaridade do crime que envolve um ser indefeso, as faces daquelas pessoas não demonstram nenhuma emoção e estão envoltas pela escuridão, sombreadas pelo preto que a muito é tido como representação do mal. Mesmo nos antigos filmes de Hollywood os bons sempre se vestiam de branco, enquanto os maus, os bandidos estavam de preto (COELHO, 2008). Não é de se admirar que a reação daquele leitor não seja outra, a não ser a de revolta e a partir daí o julgamento para ele

já se fez, o casal é mesmo culpado, mesmo antes de ir ao Tribunal, cabe agora apenas a justiça aplicar uma penalidade exemplar à eles.

Veja nesta capa se utilizou do que Dines apud Amaral (2003) chama de sensacionalismo gráfico, para conseguir passar o que queria ao seu leitor a revista “uniu o útil ao agradável”. *Veja* usou como imagem uma fotografia do casal onde em momento algum havia expressão de emoções, seja um sorriso ou o sinal de uma lágrima, colocou um texto que continha uma afirmação da polícia, afirmação essa de contexto desconhecido para o leitor que estava tendo o primeiro contato com aquele número da revista, ali *Veja* cita em fonte menor de onde teria partido a informação, e em fonte notavelmente maior privilegiou a informação que a ela interessava transmitir, a de que o casal era culpado, em um clamor pela pureza, representada pela cor branca.

Podemos afirmar a partir desta análise que *Veja* na edição 2057, deu seu veredito sobre o caso, comprovando sua suspeita inicial, mostrada em uma primeira capa, onde sugeria que o crime pelo qual Isabella foi vitimada poderia ter sido provocado por pessoas próximas a ela.

3.3. Edição 2088 de 26 de novembro de 2008

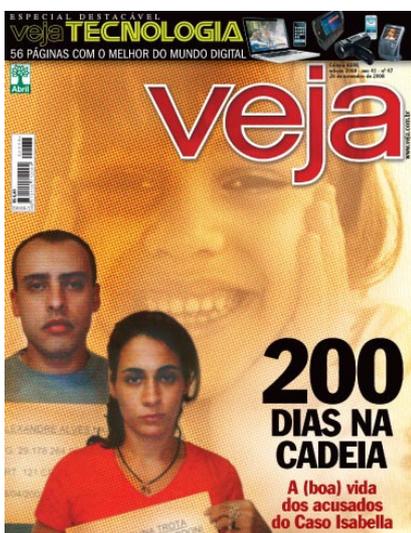


Figura 22- *Veja*: edição 2088 de 28 de novembro de 2008²¹

²¹ FONTE: <http://www.veja.com.br>

A edição de número 2088 reúne os personagens das outras duas capas, agora inseridos em um mesmo campo de visão. Nele, estão no fundo Isabella Nardoni com uma expressão de felicidade em uma imagem reticulada, ou seja, pontilhada e construída em cima da tonalidade laranja, mais a frente deixando a imagem de Isabella livre, está o casal Nardoni segurando suas placas de registro nas penitenciárias onde estão presos. O texto da revista é o seguinte: “200 dias na cadeia” (em preto) “A (boa) vida dos acusados do Caso Isabella” (em vermelho), nesta edição assim como nas outras, mais uma vez *Veja* adota uma cor para sua logomarca que tem relação com o contexto visual da capa, dessa vez a cor é o vermelho.

Nesta capa *Veja* faz menção a outra matéria que também pode ser encontrada dentro deste número, para isso usa o mesmo recurso da edição 2057, utiliza-se de uma faixa em cor distinta a que construiu a pauta gráfica principal, essa cor aqui é o preto, onde ela chama atenção do leitor que além de acompanhar o caso Isabella, terá acesso também a um especial sobre tecnologia. Sendo assim, sob a barra preta que se distingue do resto da capa encontramos o seguinte texto “Especial destacável: *Veja* Tecnologia, 56 páginas com o melhor do mundo digital”, ao lado do texto há a presença de imagens de aparatos tecnológicos.

3.3.1. Imagem

A imagem de Isabella como marca d'água representa uma menina feliz, pelo fato da imagem está reticulada a revista quer passar ao leitor que aquela felicidade ali expressa naquele sorriso foi apagada, por aqueles que mais a frente estão em uma imagem bastante nítida, nitidez esta afirmativa de que aquele casal apagou uma vida, e que qualquer penalidade por eles sofrida não trará de volta à menina, além de que por estarem em uma imagem mais bem definida que a de Isabella, *Veja* mostra que por mais que eles estejam neste momento presos, eles continuam vivos em toda sua vitalidade, que eles podem ter perdido a liberdade, mas quem mais perdeu foi Isabella, perdeu a vida.

A revista escolheu a foto do casal segurando a plaqueta de registro penitenciário, justamente para que o público pudesse associar agora de forma mais direta, a imagem daquele casal à figura de criminosos, assassinos, fato este que foi comprovado na edição anterior.

A imagem dentro dessa capa, mostrou claramente sua propriedade de sin-signo, ou seja ali estavam pessoas, seres existentes, segurando plaquetas de penitenciárias, em um sinal de que eles estariam envolvidos com alguma forma de crime. (Ver Introdução)

3.3.2. Cores

A imagem de fundo que traz Isabella Nardoni, como já dissemos aqui, está reticulada, o que nos remete a algo que foi desfeito, apagado, destruído, o fato da imagem ser construída em cima da cor laranja, remete psicologicamente o leitor a fazer uma associação afetiva daquela imagem com a cor laranja que significa “energia, força luminosa e alegria” (FARINA, 2006, p.100) Feita esta associação o leitor compreende que o que foi destruído naquele crime foi algo muito maior, foi a energia e vitalidade de uma criança que tinha toda uma vida pela frente.

Outro fato que nos chama bastante atenção, é o fato de que as plaquetas de identificação seguradas pelo casal Nardoni na imagem da parte inferior da página, também estão pontilhadas com a cor laranja. Levando em conta que aquelas placas de identificação são, a representação material da presença de uma pessoa no presídio por ter cometido um sério delito, *Veja* neste momento mostra que o ato que levou Alexandre e Ana Carolina à detenção foi o que destruiu e apagou toda a força de vida daquela menina. Observe no recorte abaixo:

A mesma coloração e textura que são utilizadas no rosto de Isabella são também utilizadas nas placas de identificação.

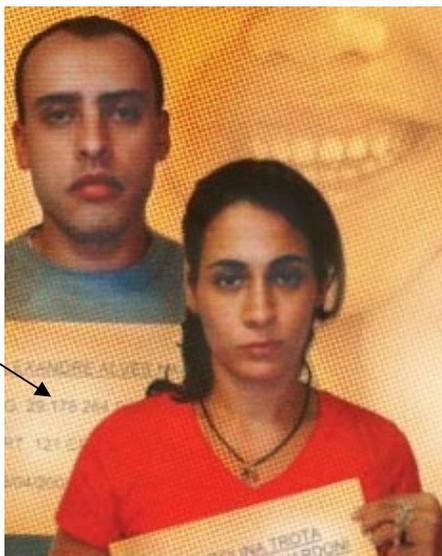


Figura 23- Recorte a partir da edição 2088

Quanto ao texto as cores dizem muito, o fato do texto “200 dias na cadeia” está em preto representa a escuridão e as trevas daquele lugar (a cadeia) marcado pela morte e a sujeira, o texto que se segue “A (boa) vida dos acusados do Caso Isabella”, tem em sua fonte a cor vermelha, que endossa o sugerido pela oração em cor preta, “a cadeia” quando o preto remete a morte presente naquele lugar e essa segunda oração em vermelho remete a culpa de sangue que lhes levou a tal local. Segundo Farina (2006, p.99), as sensações cromáticas causadas pelo vermelho indicam a violência, de acordo com ele o vermelho pode ser tido como símbolo de impureza, violência e de pecado, a cor também é “(...) o vermelho da carne impura, dos crimes de sangue (...) É a cor da cólera, da mancha e da morte”. Sendo assim os acusados cheios de mácula causada pelo sangue da menina estão no ambiente certo, um ambiente tomado pelas trevas, onde estão pessoas como eles.

No tangente a logomarca, a revista mais uma vez adota uma cor contextualizada de acordo com o que foi expresso na capa, por isso usa a cor vermelha, desta vez o vermelho influencia diretamente no sistema nervoso do receptor deixando-o em sistema de alerta quanto ao assunto que está sendo tratado, além de exprimir um sentimento de revolta bem representado também pelo vermelho, revolta pela “boa vida dos acusados”.

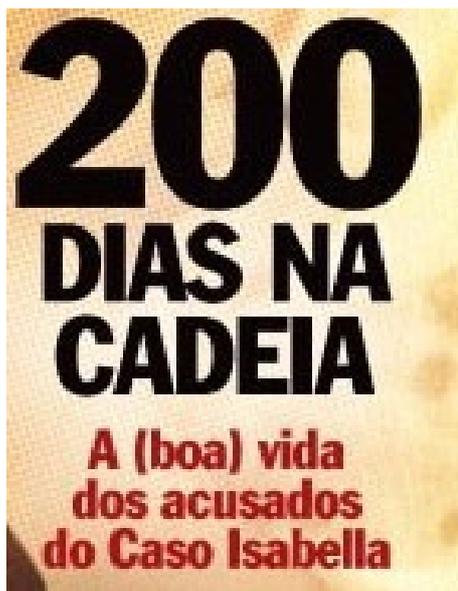


Figura 24- Recorte da edição do dia 28 de novembro de 2008

Mais uma vez, é possível comprovar o papel das cores dentro da informação, sem dúvida esta capa é mais um exemplo da função da cor em se antecipar às formas e aos textos como defende Guimarães (2003). (Ver cap. I)

3.3.3. Linguagem Verbal

Na manchete “200 dias na cadeia”, podemos dizer que *Veja* ao usar o numeral 200 ao invés do número por extenso, consegue dar mais ênfase a quantidade de dias que já se passaram, com certeza o numeral 200 é mais impactante ao leitor do que “duzentos”, por isso a revista o utiliza e o faz em uma tipologia que também é de grande valia para chamar a atenção do receptor, devido ao seu tamanho e cor.

Já no subtítulo “A (boa) vida dos acusados do Caso Isabella Nardoni”, a revista unindo-a a primeira oração, implicitamente inquirir ao leitor: O que são 200 dias na cadeia para quem é acusado de um crime como o de Isabella? Com certeza eles estão melhor, *Veja* diria até que em uma “boa vida”, em relação a menina que teve a vida arrancada pelas mãos daquele casal. O fato do adjetivo “boa” está nessa oração entre

parentes, o que também estabelece uma estreita relação entre a primeira oração e a segunda, a primeira fala em cadeia, ou seja, prisão e a segunda diz que eles tem uma boa vida dentro da prisão, no entanto o boa está aprisionado entre parentes, o que nos leva a crer que a revista está assim afirmando que apesar de estarem tendo boas condições de vida dentro da prisão, eles perderam algo pelo qual o ser humano muito presa: a liberdade.

Não podemos deixar de notar que a revista *Veja*, em nenhuma de suas edições se utilizou da linguagem verbal para se referir ao casal Nardoni como culpados, nesta edição por exemplo ela uso o termo “acusados” e não culpados, isso mostra que para influenciar à opinião do leitor *Veja* se utilizou de forma predominante da linguagem não-verbal.

Levando em consideração a leitura gráfica desta capa, concluímos que *Veja*, mesmo tratando o casal Nardoni como acusado está implicitamente já os chamando de culpados, chegamos a essa conclusão pela forma como foi utilizada a cor vermelha na oração que corresponde a esta afirmativa, além da idéia provocada em seu leitor, em um primeiro contato com a edição de que aquele casal (Alexandre e Ana Carolina), responsáveis por minar uma vida tão cheia de luz (Isabella), jazem agora atrás das grades, mas isso não é uma castigo para aqueles que foram capazes de algo tão bárbaro, pois mesmo estando privados de sua liberdade eles continuam usufruindo de conforto e bons tratos.

Pela primeira vez nessa série de capas que está sendo analisada aqui, *Veja* coloca a imagem da menina Isabella próxima a do casal Nardoni, o que faz com que o receptor em um primeiro momento visualize o rosto puro e infantil de Isabella como que desaparecendo por trás daqueles que destruíram sua vida, assim causando mais uma vez no leitor um sentimento incontido de revolta, o mesmo sentimento retratado na logomarca da revista.

O rosto puro de uma criança se dissipando e a expressão apática do casal que causou seu desaparecimento, associado a um texto de grande apelo, são ingredientes perfeitos na construção da *Veja* de 26 de novembro de 2008, mais uma vez a revista

atinge seu objetivo de sensibilizar o leitor com o caso através da construção gráfica de sua capa.

3.4. Edição 2158 de 31 de março de 2010



Figura 25- Veja: Edição 2158 de 31 de março de 2010²²

Quase dois anos se passaram após o acontecido no Edifício Lodom e, finalmente, Alexandre Alves Nardoni e Ana Carolina Trotta Peixoto Jatobá são julgados e condenados. Assim como aconteceu durante o desenrolar do caso, mais uma vez o assunto é capa de revista, capa da *Veja*.

Na edição 2158 veiculada no dia 31 de março de 2010, quatro dias após ter sido dada a sentença do casal, *Veja* traz em sua capa a foto colorida de Isabella Nardoni com uma expressão de relaxamento e mais ao fundo o casal que agora oficialmente foi considerado “CULPADO” pelo homicídio, a foto do casal ao contrário da de Isabella não está colorida e sim na cor cinza. Nesta edição, a última da série, *Veja* acompanha o mesmo padrão da primeira, só chama a atenção para o assunto Isabella, sem reservar nenhum espaço em sua capa para as chamadas de outras matérias.

²² FONTE: <http://www.veja.com.br>

O texto verbal da capa diz: “Condenados! Agora Isabella pode descansar em paz”, além de trazer como legenda da foto o resultado da sentença do casal: “Alexandre Nardoni, condenado há 31 anos, 1 mês e 10 dias de prisão, e Ana Carolina Jatobá, sentenciada a 26 anos e 8 meses, ambos em regime fechado”.

3.4.1 Imagem

Façamos uma breve leitura visual dessa capa: Isabella descansando seu corpo sobre algum lugar que não está visível na capa agora passa uma sensação de relaxamento, descanso e paz, por trás estão às pessoas que mal lhe fizeram em vida, agora condenados envoltos em uma redoma cinza e escura bem longe da luz emanada pela menina.

Veja, nesta capa, utilizou uma imagem que complementa o texto verbal, uma das características da imagem (ver cap. I), essa imagem mostra as feições e o corpo de Isabella em um momento de descanso, apoiado sobre algo que visualmente não é identificado. O posicionamento da menina também revela atenção, como o de uma criança que com o rosto apoiado em seus braços assiste a um desenho animado, neste ponto a imagem mostra que Isabella (na concepção de que há vida após a morte) está assistindo a tudo, inclusive o julgamento dos causadores de sua morte, por isso a sensação de alívio revelada em sua postura e em seu sorriso, finalmente a justiça foi feita.

A imagem do casal Nardoni atrás de Isabella, aliado ao contraste das cores causa a sensação de algo que se foi, agora que a justiça foi feita a menina pode descansar em paz, os assassinos não tem mais importância.

3.4.2. Cores

O fato do pai e da madrasta de Isabella estarem nesta imagem em um domínio cinza, é explicado pelo puro significado da cor cinza. O termo cinza se origina do latim cinicia (cinza) e do germânico gris (gris, cinza), nós porém, utilizamos a expressão em

latim, que simboliza a posição intermediária entre a luz e a sombra.(FARINA, 2006). *Veja* soube explorar bem esse significado, não podemos questionar que essa é uma posição bastante propícia para a que o casal Nardoni ocupa neste momento, entre a luz da vida de uma criança e a sombra do ato que cometeram. O cinza também representa a insegurança, insegurança esta sentida pelo casal naquele momento em que sua vida foi condicionada aos limites de uma penitenciária.

A imagem do casal tomada pelo cinza disposta atrás de Isabella remete a outro sentido atribuído ao cinza, o de passado. Agora que Isabella pode “descansar em paz”, tudo aquilo passou, essa propriedade do cinza dá inclusive ao leitor a sensação de que eles foram arrastados pelas trevas em decorrência de suas atitudes anteriores.

O único elemento colorido desta capa é a imagem de Isabella, o que remete a vida, não que seu corpo esteja vivo, mas sua memória está e agora se alegra pela decisão da justiça. Todos os demais elementos da revista adotam cores sóbrias, a mancha gráfica é toda preenchida pelo cinza, enquanto as frases se alternam entre outras tonalidades de cinza e o branco.

No texto verbal a expressão “Condenados!” está em um tom mais claro de cinza para que possa ser lido com clareza, a revista associa aí então a palavra com a cor que revela o mesmo sentido, ou seja, pena e condenação. Enquanto que no texto “Agora, Isabella pode descansar em paz”, a cor adotada é o branco, o branco neste sentido remete a “algo incorpóreo, a cor dos fantasmas e dos espíritos”. (FARINA, 2006, p.97), a revista passa então aí a idéia de que a alma de Isabella pode, agora, descansar em paz. Além desse sentido o branco remete também a paz agora adquirida pela menina. A revista se utilizando dessa propriedade do branco, coloca próximo ao rosto da menina a legenda da foto do casal Nardoni, “Alexandre Nardoni, condenado há 31 anos, 1 mês e 10 dias de prisão, e Ana Carolina Jatobá, sentenciada a 26 anos e 8 meses, ambos em regime fechado”, o branco utilizado na tipologia desse texto, mostra que esse é o motivo de Isabella agora poder permanecer em paz.

Veja também pode agora descansar em paz, finalmente o casal foi condenado e agora pela justiça, não apenas pela revista, por isso ela traz sua logomarca sem cor de preenchimento, utilizando apenas o contorno em branco que a ela é comum em todas

as edições. O uso exclusivo do contorno sem preenchimento, indica que agora Veja está de “alma limpa”, o Caso Nardoni não ficou impune e quem sabe ela pode até ter dado sua contribuição, afinal quem decidiu foi o júri popular e este com certeza lê revistas, assiste jornais, e vê TV.

Endossamos o pensamento de Guimarães (2003, p.32), que julga a cor como sendo em sua dimensão pragmática a informação atualizada do signo, responsável pela “construção de significados, em caráter informativo”. (Ver Cap.I)

3.4.3. Linguagem verbal

Logo na manchete vemos a presença de algo bastante peculiar, o uso da exclamação em “Condenados!”, na gramática o uso da exclamação é tido como algo que transmite emoção, euforia, alegria, não obstante vemos nos livros de português exemplos de frases exclamativas como Bravo! Bravissimo!, Aleluia!, Puxa Vida! etc. Ao usar a exclamação após a palavra condenados, Veja demonstra emoção no que está sendo relatado algo que não é atribuído ao ato de puramente informar, nessa frase exclamativa, Veja demonstra toda sua satisfação e alegria pela decisão da justiça.

Para finalizar o período a segunda oração diz “Agora, Isabella pode descansar em paz”, essa frase passa ao leitor uma sensação de alívio, a sensação de dever cumprido, a todo momento a revista queria mostrar que os Nardoni eram culpados e agora a justiça realmente enxergou os fatos e desferiu penalidades justas, a revista finalmente cumpriu sua missão, agora a sociedade comprovou que o que ela sugeria em suas matérias era mesmo verdade.

O texto, na edição em questão, está impregnado de sensacionalismo linguístico e abusa do que Oliveira & Santos (2009) chamam de “adjetivações dotadas de juízo de valor”.

Na legenda da foto do casal, colocada estrategicamente ao lado do rosto de Isabella, lemos o seguinte texto:



Figura 26- Recorte referente a capa da edição 2158

Neste texto, Veja explicita o motivo de sua felicidade e também da felicidade de Isabella, a condenação de Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá foi algo exemplar, eles passarão boa parte de suas vidas na prisão e o melhor “em regime fechado”. A colocação da sentença ao lado do rosto de Isabella Nardoni tem quase a mesma utilidade infográfica de um balão onde são colocados os pensamentos de personagens de gibis por exemplo.

Não há dúvidas de que essa foi uma edição de encerramento da série de capas sobre o caso, e como todo encerramento nos “espetáculos” teve um final feliz, os mocinhos finalmente tiveram paz e os bandidos “mofarão na cadeia”.

Esta nada mais é do que uma edição comemorativa de *Veja* pelo caso ter resultado numa penalidade exemplar no país para os assassinos. Nesta capa, *Veja* afirma que os assassinos agora permanecerão de fato no lugar que os cabe, a prisão, ou seja o inferno ao qual são condenados os que passam pelas mãos da justiça terrena, e só então Isabella poderá descansar em paz.

Utilizando-se ainda dessa dicotomia Céu X Inferno, além de cores repletas de significado, a revista mostra que a justiça realmente se fez, Alexandre e Ana Carolina foram arrebatados pelas trevas e Isabella agora pode seguir em paz pelo caminho da luz. Essa conclusão se dá ao fato da cor cinza tomar como em um nevoeiro as faces do casal e a luminosidade envolver o rosto de Isabella.

Veja encerra assim essa série, confirmando o que ela há muito já sugeria, mostrando aos seus leitores que a opinião que a eles de forma inconsciente estava sendo anunciada era mesmo verdadeira. Sem dúvida *Veja* alcançou seu objetivo, induziu o leitor a pensar de uma forma e depois conseguiu provar que aquilo era mesmo algo verídico.

Considerações Finais

Propomos em nossa pesquisa, analisar de que forma se dá a espetacularização da notícia, bem como a construção do texto jornalístico sensacionalista. Iniciamos nossa caminhada em busca dos elementos que tornam tal construção possível.

Nas edições analisadas, percebemos que o texto mostra a característica chamada por Sodré (1972), de “sensação”, pois Veja fez de forma bastante eloquente com que só os ângulos do assunto considerados por ela dignos de interesse fossem explorados. Veja utilizou-se de um “sensacionalismo linguístico” (OLIVEIRA & SANTOS, 2009) eminente, dando ao texto ecos e ressonância, o que, segundo Vilas Boas (1996), pode fazer com que meia palavra passe a ter um enorme significado. Sua linguagem causou impacto em todas as edi es por nós analisadas, o que a caracteriza como uma linguagem t pica do sensacionalismo, pois, segundo Angrimani (1995), dentro deste g nero a linguagem editorial precisa ser chocante.

O texto verbal   tido, pela semiótica, como um símbolo e nesta revista mostrou conter a propriedade que a ele   exigida, a de ser um legi-signo, ou seja, as palavras contidas nos textos verbais existem pela lei de que elas são portadoras de sentido e pertencem a um código comunicacional. Portanto, o texto verbal adota nas capas analisadas o sentido de símbolo, pois assume a fun o de precursor de significados.

Santaella (2008), divide a imagem em dois domínios o material e o imaterial. Tornou-se possível através desta análise a detec o do domínio imaterial da imagem dentro da constru o das capas aqui em questão. De acordo com Santaella, nesse domínio a imagem aparece como visões, fantasias ou mesmo como representa es mentais. As capas por nós analisadas refletiram muito bem isso no uso que fizeram de suas imagens, a imagem era redobrada de sentidos, adotando a condi o de signo, adquirindo dentro da revista o papel de elemento de impacto, forma de atra o para o leitor.

As imagens adotaram nessas capas o sentido mais claro de  ndice, pois usaram fotografias onde a propriedade e condi o para que aquela imagem fosse  ndice era o fato de ser um sin-signo, ou seja ter singularidade, ser único, cada pessoa daquelas

fotos, eram seres existentes e únicas, daí aquelas imagens serem caracterizadas como índice.

Quanto as cores, elas assumiram em todas as edições, as qualidades atribuídas por Guimarães (2003) a cor-informação, se antecipando às formas e ao texto, sendo um elemento essencial na construção da sintaxe visual e forte responsável pela construção de significados.

Observamos que as cores são de grande importância em influenciar o receptor, agindo diretamente em seu campo psicológico, para isso usa de forma inquestionável a propriedade que a ela concede a classificação de ícone, a propriedade de quali-signo, ou seja, impele o leitor a fazer uma associação a algo existente seja física ou ideologicamente àquilo que ali está querendo ser passado, isso se dá, por exemplo, quando o branco remete a paz ou ao céu e o preto ao inferno, a morte.

Tendo em vista essas considerações, afirmamos que a cor, a imagem e o texto, são signos de suma importância para a construção da notícia visual sendo responsáveis inclusive pelo sensacionalismo gráfico exibido nas capas de revistas.

Utilizando-se do valor sígnico das cores, imagens e texto verbal na construção de sua capa, a revista *Veja* no tangente ao Caso Isabella Nardoni, se mostrou parcial, adotando uma postura acusadora e após concluídos os nossos estudos a cerca do sensacionalismo e sua construção, podemos afirmar que ela espetacularizou o caso através do sensacionalismo gráfico em suas capas.

Porém, devemos ressaltar que, as cores e imagens se sobressaíram ao texto na missão de influenciar o leitor, elas diziam o que o texto verbal não explicitava. Esses elementos foram sem dúvida cruciais atingindo de forma direta e intencional a psique do receptor. A construção gráfica das capas, mexeu com sentimentos de revolta, angústia e justiça desse receptor.

Em síntese, concluímos que *Veja* ocasionou um pré-julgamento com culpados definidos no Caso Isabella Nardoni, influenciando de forma direta a opinião do leitor mesmo antes do parecer da justiça. E mesmo depois da sentença proferida pela justiça, ela abandonando o tríptico código de conduta do jornalismo: ética, imparcialidade e isenção, publicou uma edição onde “comemorava” a sentença do juiz condenando

Alexandre Nardoni e Ana Carolina Jatobá. Observamos também que a produção do sensacionalismo gráfico só se torna possível pelo uso das cores e imagens aliadas a uma linguagem verbal bem elaborada e impactante.

Referências

AMARAL, M.F. **Sensacionalismo: inoperância explicativa.** Em *Questão*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003.

ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa.** São Paulo. Editora Summus, 1995.

BARI, F. **A importância das cores no jornalismo.** Disponível em <http://cursoabril.abril.com.br/servico/noticia/materia_118298.shtml>. Acesso em 30 de setembro de 2010

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo.** Rio de Janeiro. Editora Agir, 1960.

BICUDO, V. **Educação e sensacionalismo.** Comunicação e Artes. São Paulo, 1971.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999

COELHO, Paulo. **O vencedor está só.** Rio de Janeiro: Agir, 2008

COLLARO, A.C. **Projeto gráfico: teoria e prática da diagramação.** São Paulo. Editora Summus, 2000.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Fonte digital: geocities.com, 2003

ERBOLATO, M. **Técnicas de codificação em jornalismo.** 5ª ed. 8ª reimpressão. São Paulo. Editora Ática, 2008.

FARINA, M. **Psicodinâmica das cores em comunicação.** São Paulo. Editora Edgard Blucher Ltda, 2006.

FREIRE, M. C. B. **O som do silêncio: isolamento e sociabilidade no trabalho do luto.** Natal. EDUFRN, 2006

FILHO, L.L.L. **As raízes da espetacularização da notícia.** Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=351TVQ002>> Acesso em 10 de agosto de 2010.

GLAUBER, D. O significado das cores. Disponível em: <<http://darlanglauber.wordpress.com/2007/05/16/significado-das-cores>> Acesso em 23 de outubro de 2010.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação.** São Paulo. Editora Annablume, 2000.

HERCULANO, F. **Caso Isabella: A notícia, um grande espetáculo.** Disponível em: <<http://flavioals.spaces.live.com/blog>> Acesso em 2 de outubro de 2010.

MARCONDES, C. **O capital da Notícia.** São Paulo, Ática, 1988.

MARSHALL, L. **O jornalismo na era da publicidade.** São Paulo. Editora Summus, 2003.

NEGRINI, M. **A morte no telejornalismo:** o caso do voo 447 da Air France no Jornal Nacional. In: VIZEU, A. et al (Orgs). **40 anos de telejornalismo em rede nacional: olhares críticos.** Florianópolis, Insular, 2009. p.140-145.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário.** 7ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Contexto, 2008.

OLIVEIRA, E.A.S.M & SANTOS, G.S. **Revista Veja: uma análise do sensacionalismo no caso Isabella Nardoni.** Anagrama, São Paulo, ano 2, ed.4, p.1-14, jun./ago.2009

PENA, F. **Teoria do jornalismo.** 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Contexto, 2008.

Puzzo, M. B. **A linguagem verbo-visual das capas de revista e os implícitos na constituição de sentido.** Revista Intercâmbio, volume XX: 125-138, 2009. São Paulo: LAEL/PUC-SP. ISSN 1806-275x

MARTINEZ, M. **Notícia ou espetáculo: Fronteiras do jornalismo**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/atualidades/isabella-nardoni.jhtm>> Acesso em 22 de setembro de 2010.

RIBEIRO, M. **Planejamento visual gráfico**. 10^a ed. Brasília. LGE Editora, 2007.

ROLO, P.N. **Jornalismo de Revista: análise dos critérios de noticiabilidade das capas da revista Época**. Monografia apresentada ao Centro Universitário de Belo Horizonte, 2008

SANTAELLA, L & NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1^a ed. 4^a reimpressão. São Paulo. Editora Iluminuras, 2008.

SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. 1^a ed. 3^a reimpressão. São Paulo. Editora Thomson Learning, 2007.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1992.

SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. 3^a ed. 1^a reimpressão. São Paulo. Editora Contexto, 2008.

SILVA, A. L., et al. **O sensacionalismo no Jornal Voz do Oeste**. 2006

SILVA, J. A. M. da. **Como planejar e produzir um projeto gráfico**. Editora Tecnoprint. São Paulo, 1990.

SIMMEL, G. **A metafísica da Morte**. Trad. MALDONATO, Simone Carneiro. Política e Trabalho, ano 14, n14, João Pessoa, PPGS-UFPB. p.177-182, set, 1998.

SODRÉ, M. **A comunicação do grotesco: um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1972.

TONDO, R. & NEGRINI, M. **Espetacularização e Sensacionalismo: reflexões sobre o jornalismo televisivo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos, SP – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

TONDO, R. & NEGRINI, M. **Espetacularização e Sensacionalismo: reflexões sobre o jornalismo televisivo.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

TOSCANO, R. Caso Nardoni: A espetacularização do medo. Disponível em: < <http://ajd-sc.blogspot.com/2010/03/caso-nardoni-espetacularizacao-do-medo.html> > Acesso em 5 de agosto de 2010.

VILAS BOAS, S. **O estilo Magazine: O texto em revista.** São Paulo: Summus, 1996.

VILELA, R. **Quem tem medo da Imprensa? – Como e quando falar com jornalistas – Manual de mídia training.** Rio de Janeiro. Editora Ciência Moderna Ltda, 2008.